

6

DA FANTASIA À
ESPIRITUALIDADE:
O SENTIMENTO
RELIGIOSO SEGUNDO
C. S. LEWIS

Fabio Coronel Gagno Junior
Mestrando em Ciências das Religiões
na Faculdade Unida de Vitória.

RESUMO

Este trabalho procurou expor a relação existente entre *fantasia* e espiritualidade a partir da teoria literária de C. S. Lewis e autores relacionados. Desenvolveu-se traçando a função deste gênero literário, bem como comprovando, por meio da crítica especializada, sua capacidade de cumprir com os processos que levam à transcendência e à espiritualidade. Apoiou-se em concordâncias entre Lewis e escritos sobre filosofia da religião para consolidar a originalidade e a legitimidade do sentimento religioso enfatizado. Concluiu o *anseio* como terminologia *lewisiana* para receitar a essência do sentimento religioso.

Palavras-chave: *Fantasia*; Experiência literária; *Anseio*; Espiritualidade; Sentimento religioso.

INTRODUÇÃO

Este esboço pretende iniciar uma série de pesquisas sobre a relação entre *fantasia* e espiritualidade, tendo como ponto de partida e plataforma a noção de literatura fantástica do escritor C. S. Lewis, feita no ensaio *Três maneiras de escrever para crianças*; e suas associações com outras obras e autores correlatos.

Precisamente busca-se um maior detalhamento da ideia de que a *fantasia* traz à tona um tipo especial de *anseio* da ordem do inexprimível; e que enriquece o leitor ao ponto deste poder lançar um novo olhar, mais profundo e acentuado sobre a vida ou o mundo natural. Ao mesmo tempo quer-se expor de que maneira tal *anseio* resulta numa perspectiva espiritual integralizada, que coliga mundo e além-mundo e nomeia os *sentimentos oceânicos* - ou religiosos -, contextualizando-os num mesmo quadro significativo.

O texto, ainda, almeja propor que a articulação de Lewis sugere - com originalidade - determinada intercessão entre *fantasia*, sentimento religioso e espiritualidade, que perpassa - e integra - temas como: *belo* e *desejo*; e por isso forja uma espiritualidade mais robusta, em condições de ancorar algum discurso religioso, já que de alguma forma delinea o Inefável.

QUAL A FUNÇÃO DA FANTASIA?

Inicialmente faz-se necessário pontuar que a resposta para a pergunta lançada estará circunscrita ao pensamento de Lewis e autores correlatos; o que também significa de antemão definir *fantasia* como “qualquer narrativa que trate de impossibilidades e aspectos sobrenaturais” (LEWIS, 2009, p. 47). Isto posto, é igualmente importante pontuar que neste trabalho os termos: *fantasia*; *literatura fantástica*; *mito* e *contos de fadas (histórias de fadas)*; serão usados analogamente. Especialmente em Lewis – já que isto não ocorre sem restrições em sua fonte-mor, Tolkien –, as histórias fantásticas portam características essenciais do gênero matriz, *contos de fada*, ao passo que, em seu ensaio *Três maneiras de escrever para crianças*, essas – e outras – terminações se confundem naturalmente.

Quando pergunta-se sobre a função da literatura, as respostas possíveis são diversas. Geralmente trafegam pelos vieses do cognitivo, do social, do estético, do psicológico; ou até mesmo nos meandros do paradoxo utilidade-inutilidade. Lewis, por sua vez, discorrendo sobre a função da literatura de gênero narrativo-fantástico, associou-a dentre outros elementos – e sobretudo – à capacidade de promover experiências relativas à transcendência e à espiritualidade.

Objetivando desfazer alguns preconceitos, a sequência lógica da argumentação do escritor não pondera positivamente antes de salientar “para que não serve a *fantasia*”. A propósito disso, destina três defesas, que nesta ocasião podem ser sintetizadas pelo seguinte esquema: (1) a *fantasia* não serve prioritariamente à qualquer faixa etária, muito menos exclusivamente às crianças – definições contrárias, habitualmente, erram por generalizar este fenômeno que é local e acidental; (2) não serve para indicar gostos literários menos ou mais “desenvolvidos” e/ou sofisticados; e finalmente, (3) a *fantasia* não serve ao escapismo, como colocado popularmente (LEWIS, 2009b, p. 743-

745). Esta última o ponto central qual o conceito *lewisiano* sobre *fantasia* se distingue, e a partir daí se forja. Para Lewis os *contos de fadas* não afastam o leitor do mundo, nem dos problemas da vida real; ao contrário, pretende

[Despertar no leitor] um anseio por algo que ele ainda não sabe o que é. [Comovê-lo e perturbá-lo] (enriquecendo toda sua vida) com a vaga sensação de que algo está além do seu alcance, e, longe de tornar insípido e vazio o mundo exterior, acrescenta-lhe uma nova dimensão de profundidade. O menino não despreza as florestas de verdade por ter lido sobre florestas encantadas: a leitura torna todas as florestas de verdade um pouco encantadas. Trata-se de um tipo especial de anseio (LEWIS, 2009b, p. 747).

Na verdade o escritor avalia que a alienação da realidade está muito mais iminente nos textos que se ambicionam *realistas*, uma vez que o improvável pode ludibriar mais facilmente que o impossível (LEWIS, 2009b, p. 746-747).

Acerca da citação, destaca-se a menção a um “tipo especial de anseio”. Neste caso a *fantasia* manifesta-se com um propósito muito bem definido, a saber, provocar sensibilidade para a transcendência, e, equitativamente, adicionar profundidade na percepção de mundo de seu afetado. Esta conclusão pode ainda ser alinhavada e asseverada pela autobiografia, *Surpreendido pela Alegria*. Nela Lewis narra sua trajetória espiritual junto à experiência da *alegria*, que designa exatamente um tipo específico de anseio, despertado pelo *belo*, e que aponta para um “outro mundo” (LEWIS, 2000).

O PAPEL DO LEITOR

Chega-se então à altura de detalhar por qual maneira o *anseio* - provocado pela *fantasia* – pode então evoluir para uma vivência de cunho transcendental. Para tanto, faz-se necessário dialogar com outra importante obra de Lewis a respeito de Teoria Literária chamada *Um experimento na crítica literária*. Nela se articula uma espécie de Teoria

da Recepção que impõe-se como condicional no interesse de testar a ponte entre *fantasia*, *anseio* e transcendência.

Preliminarmente, pode-se esclarecer, a partir da obra, que respeitado o modo “desinteressado”¹ de ler as narrativas fantásticas, invariavelmente, ocorre certa purificação da imaginação (LEWIS, 2009, p. 47-52). Em outras palavras, o mero devaneio é elevado ao contato com a ficção genuína por meio de uma postura “expectadora”. É a morbidez imaginativa dando lugar a atividades de fato expansivas, próprias da experiência literária legítima (LEWIS, 2009, p. 48-49); apaziguando desta forma um funcionamento psíquico primário. De maneira especial o bom leitor, além da posição de “desinteresse” psicológico, deve com igual gravidade tratar de suspender tanto a crença quanto a descrença, maneira pela qual está apto a *transcender*, assumindo outros pontos de vista (LEWIS, 2009, p. 61-62), de autores e de personagens.

Considera-se que (1) modo “desinteressado” e (2) a suspensão das crenças e descrenças são exatamente as ferramentas que proporcionam afinidade entre *experiência literária* (onde se inclui à com o gênero *fantasia*) e transcendência. Assim, identifica-se que essa relação não é acidental, pelo contrário, sempre é de interdependência, de modo que, uma vivência literária autêntica passa necessariamente pela superação de perspectivas de leitura ensimesmadas. O bom leitor de textos – da vida e do mundo - expande seus horizontes quando participa da multiplicidade de olhares proporcionados pela literatura, indo para além de si, transbordando-se, e assim, transcendendo-se. Nas palavras de Lewis:

O homem que se contenta em ser apenas ele mesmo e, portanto, ser menos, vive numa prisão. Meus próprios olhos não são suficientes para mim, verei por meio dos olhos de outros. A realidade, mesmo vista por meio dos olhos de muitos, não é suficiente. Verei o que outros inventaram. Até mesmo os olhos de toda a humanidade não são o

¹ Termo usado para indicar um estado maduro e saudável de usufruto da *fantasia*, que se contrapõe ao modo “egoísta”.

bastante [...] A experiência literária cura a ferida da individualidade sem arruinar seu privilégio [...] Lendo a grande literatura torno-me mil homens e ainda permaneço eu mesmo. Como o céu noturno no poema grego, vejo com uma miríade de olhos, mas ainda assim sou eu quem vê (LEWIS, 2009, p. 120-121).

Conclui-se que em Lewis a relação entre transcendência e *fantasia* emerge do âmago da própria “boa leitura”, sendo esses elementos absolutamente indissociáveis. A transcendência é intrínseca à boa leitura. Além disso, sobre a correlação fantasia-leitura, importante pontuar que quando o (mau) leitor não acolhe o *impossível* ou *sobrenatural* - elementos essenciais da *fantasia* -, na verdade rejeita o que constitui boa parte da experiência da leitura ficcional em si (LEWIS, 2009, p. 46). Sendo assim, define-se que, a qualidade que o leitor imprime à leitura é que orienta o *anseio* em sua evolução para as experiências de transcendência.

FANTASIA E ESPIRITUALIDADE

Se a argumentação encaminhou-se bem: (1) está clara a função pedagógica da *fantasia* em fomentar certa aspiração característica pelo supranatural; e (2) pôs-se evidente que a *fantasia* cumpre a sua tarefa por meio de uma condição inerente à própria experiência literária: a transcendência. Cumpre-se agora aventar como isso se enreda com a espiritualidade.

Em primeiro lugar, vale reforçar que mesmo não se podendo restringir o significado da palavra “transcendência” nos limites do uso feito pelas discussões sobre espiritualidade, pelo menos na crítica literária *lewisiana* ela assim se abaliza. O autor chega a diretamente consolidar uma relação analógica entre transcendência e religião quanto diz que: “[na experiência literária] tal como no ato religioso, no amor, na ação moral e no conhecimento, transcendendo a mim mesmo. E nunca sou mais eu mesmo do que ao fazê-lo” (LEWIS, 2009, p. 121) - a

despeito do uso de diferentes terminologias (por exemplo, espiritualidade e “ato religioso”) a relação mencionada está absolutamente autorizada, inclusive, por dicionários especializados (BORTOLLETO FILHO, 2008, p. 387).

Além da conjuntura analógica, existe também uma relação de cumplicidade, como já indicado anteriormente. Para o escritor Tolkien, maior referência sobre o tema para Lewis, ela realmente pode se realizar, à medida que

As histórias de fadas como um todo têm três faces: a Mística, voltada ao sobrenatural; a Mágica, voltada à natureza; e o Espelho de desdém e compaixão, voltado ao Homem. A face essencial do Belo Reino é a do meio, a Mágica. Mas o grau com que as outras aparecem (se é que aparecem) é variável, e pode ser decidido pelo contador de histórias. A Mágica, a história de fadas, pode ser usada como um *Mirour de l'Omme*, bem como (mas não tão facilmente) ser transformada em veículo do mistério (TOLKIEN, 2010, p. 32).

O mentor de Lewis chega ainda a ser mais enfático sobre as afinidades entre *contos de fada* e espiritualidade. Isso acontece quando da sua defesa de a *fantasia* ser uma forma superior de arte, ao pretender refletir coisas que não estão no *mundo primário* (TOLKIEN, 2010, p. 55).

Seja como for, Tolkien demonstra maior relevância para esta arguição na proposição de dois conceitos, a saber, *sub-creator*² e *eucatástrofe*³. Sobre aquele (1): se a *fantasia* é entendida pelo filólogo como a criação artística *par excellence*⁴ -; e se a habilidade de subcriação identifica sobremaneira o homem com um Criador (TOLKIEN, 2010, p. 62-63), logo, a criação fantástica favorece a conexão com o sobrenatural. Em outras palavras, o poder de criar aponta para uma condição antropológica, que é justificável apenas na experiência *transcendente-religiosa*: cria-se, pois se foi criado à *imagem* e

² Tradução do articulista: subcriador.

³ Tradução do articulista: final feliz (o contrário de catástrofe).

⁴ Tradução do articulista: por excelência.

semelhança⁵ de um Criador; e sobre este (2): é a função mais elevada das *histórias de fadas*, a de consolar definitivamente o homem; negar o fracasso universal; e como “graça repentina e milagrosa”, lampejar a Alegria que está para “além das muralhas do mundo” (TOLKIEN, 2010, p. 76-77). Em Tolkien, a *eucatástrofe* é um elemento intercessor entre *fantasia* e espiritualidade simplesmente porque “quando chega a ‘virada’ repentina, temos um penetrante vislumbre da alegria e do desejo do coração, que por um momento ultrapassa a moldura, rompe de fato a própria teia da história e deixa passar um lampejo” (TOLKIEN, 2010, p. 78).

Não à toa Lewis assume quase que integralmente a perspectiva *tolkienana* a respeito da *fantasia*; e relata seguramente que seu ensaio, *Sobre histórias de fadas*, seja talvez a contribuição mais importante que alguém tenha dado ao tema (LEWIS, 2009b, p. 745). Provavelmente também não é sem motivo que Lewis denomina a própria experiência espiritual – estético-espiritual - de *alegria*, como visto, termo utilizado por Tolkien cunhando a “graça além das muralhas do mundo”. Em resumo, *fantasia* e espiritualidade se encontram à medida que proporcionam participação no direito à *criação*; e no mistério do consolo universal; antevindências de realidades alternativas suplantadoras do *mundo primário*; por isso, consideradas transcendentais, mas sobretudo, espirituais.

O SENTIMENTO RELIGIOSO LEWISIANO

É o momento de compor o sentimento religioso segundo Lewis reconhecendo que (1) quando Lewis afirma correlação causal entre *fantasia* e *anseio*, está pretendendo tratar de vivências de transcendência e espiritualidade; e (2) identificando quais trechos da bibliografia *lewisiana* confirmam, a partir da terminologia sugerida, a

⁵ Tolkien chega a fazer diretamente este intertexto com o registro bíblico na página 63.

conexão entre *fantasia* e *espiritualidade* indicada por Tolkien; de modo que, a carência de qualquer verossimilhança entre o sentimento religioso segundo Lewis e *Sobre histórias de fadas* se impõe como imprescindível; motivo pelo qual será buscada.

Inicialmente, compete esboçá-lo identitário, incomunicável e estruturante. No capítulo sobre o Céu - conceito paralelo à *além-mundo* -, do primeiro ensaio filosófico notável de Lewis, *O problema do sofrimento*, o autor afirma que o *anseio* é “a assinatura secreta de cada alma, [...] incomunicável e insaciável [...] se perdermos isso perdemos tudo” (LEWIS, 2006, p. 164); e transcendental. O escritor coliga o *anseio* à necessidade de transcender, dizendo: “A coisa em si [o Desejável] nunca foi realmente incorporada a qualquer pensamento, imagem ou emoção. Ela sempre o chamou para fora de si mesmo [...] a coisa pela qual você anseia convoca-o para longe do eu” (LEWIS, 2006, p. 166-167). *Peso de Glória* faz coro à essa conexão, porque relata:

É evidente, portanto, que a nostalgia de nossa vida inteira, nosso anseio de nos juntar com alguma coisa no universo que nos sentimos separados agora, de estar do lado de dentro de alguma porta que sempre vimos do lado de fora, não é uma simples fantasia neurótica, mas o indicador de nossa real situação (LEWIS, 2008, p. 46).

Porém, na continuação desse texto há um diferencial determinante. Lewis vai trazendo à baila o tema da estética, do *belo*, incorporando-os em suas reflexões sobre *anseio* (nostalgia) e espiritualidade. Provavelmente aí reside a maior parte da originalidade e ousadia proposta nas exposições sobre sentimento religioso de Lewis. Ele afirma:

Nós queremos muito mais – algo a que os livros de estética dão pouca atenção, mas a respeito do que os poetas e as mitologias sabem tudo. Não queremos pura e tão somente ver a beleza [...] queremos algo mais, que dificilmente pode ser traduzido em palavras – queremos ser uma só unidade com a beleza que contemplamos, nela penetrar, recebe-la em nosso ser, banhar-nos nela, fazer parte dela. É por isso que povoamos ar, terra e águas com deuses, ninfas e elfos – que, embora nós não possamos, essas projeções podem desfrutar nelas mesmas a beleza, a graça e o poder dos quais a Natureza é a

imagem [...] No presente estamos do lado de fora do mundo, do lado errado da porta [...] um dia adentraremos por essa porta (LEWIS, 2008, p. 45-46).

Talvez esse trecho seja o de maior identificação com a síntese sugerida da relação entre *fantasia* e espiritualidade em Tolkien (*subcriação* e *eucatástofre*). Nele Lewis arrazoa que o anseio concernente à espiritualidade não é um desejo por beleza apenas, mas um anelo de (re)integração com o absoluto, com o todo. Segundo ele, por isso (*sub*)criamos personagens fantásticos, a fim de realizar indiretamente esse desejo especial – o que demonstra de alguma forma a estimulação recíproca entre *fantasia* e *anseio*; e que apesar de estar-se do “lado errado da porta” que conduz à face do mistério, um dia será diferente: haverá consolo, *final feliz*, esperança de realização plena, uma repentina, extramundana e *eucatástofica* virada na vida.

Diante disso, encerra-se o item citando a personagem *Fitafuso*. Aparentemente ela – que é um diabo - lamenta justificadamente quando expõe: “mesmo se nós tramarmos algo para mantê-los sempre longe da religião, os ventos imprevisíveis da fantasia, da música e da poesia [...] sempre acabarão estragando nossos planos” (LEWIS, 2011, p. 147). Eis novamente manifesta a trinca religião (espiritualidade)-fantasia-belo.

LEWIS E A FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO

O diferencial projetado por Lewis, a saber, a interconexão *fantasia-anseio-beleza-espiritualidade* já havia sido ventilada pelos especialistas em religião. Todavia, talvez não tão abertamente. Se para o primeiro estes elementos apontam para um absoluto extrínseco, isso não quer dizer que a experiência espiritual aí se encerre (no mero apontamento).

O professor Otto, um dos poucos teólogos modernos respeitados e mencionados por Lewis, não deixa dúvidas sobre a viabilidade da acomodação *lewisiana* sobre as matérias:

O sagrado é antes de mais nada, interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso. [...] Essa categoria é complexa; compreende um elemento de qualidade absolutamente especial [...] [;] é completamente inacessível à compreensão conceitual, e constitui algo inefável. O mesmo acontece com a conceituação do belo em outros domínios do conhecimento (OTTO, 1985, p. 11).

Como referido anteriormente neste texto, Lewis, assim como Otto, reconheceu a incomunicabilidade direta da “coisa-em-si”, motivo pelo qual justifica seu estilo mito-poético. No entanto, apesar de a “coisa-em-si” não se dar à uma conceituação racional precisa, isso não quer dizer que ela não possa ser comunicada indiretamente:

O fato incompreendido impulsiona, continuamente, a inesgotável capacidade de invenção a produzir contos de fadas, mitos, fábulas, lendas, ritos, cultos, e ainda hoje, são a forma de narrativas e de cerimônias, o fator mais poderoso que mantém vivos os sentimentos religiosos nas almas simples (OTTO, 1985, p. 68);

Sendo reciprocamente a arte a mais rigorosa representação do *numinoso* (OTTO, 1985, p. 69). A convergência entre Lewis e Otto não é fortuita. Já em *O problema do sofrimento* aquele cita diretamente este para situar o cerne da religião, justamente a partir dessa terminologia (LEWIS, 2006, p. 21-22). Segundo Otto, o *numinoso* incita sentimentos próprios que compõem a experiência religiosa: *mysterium tremendum et fascinans*⁶: o que é estranho, ou “totalmente outro” (*mysterium*) no jargão do teólogo, provoca um espanto; que por sua vez, conduz o afetado ao reconhecimento de sua condição de criatura, de sua impotência absoluta (*tremendum*); sendo que a despeito disso tudo, o afetado sente-se paradoxalmente atraído (*fascinans*) (OTTO, 1985); Lewis concorda, tanto que o paradoxo *ottoniano* está difundido em

⁶ Tradução do articulista: mistério tremendo e fascinante.

toda a sua obra - um exemplo seria a fala: “no fim, essa Face que é o prazer ou o terror do universo [...]” (LEWIS, 2008, p. 42). De forma alguma seria difícil associar o *anseio* a estas características provocadas pelo *numinoso*. Aspectos comuns como a inefabilidade, a transcendência, a *criaturalidade* e a fascinação aludem coligações evidentes, pois, como visto em Lewis, ansiar no que diz respeito à espiritualidade é desejar uma realidade estranha em todos os sentidos – firmemente esmagadora, fascinante e de outra espécie -, assim como para a filosofia da religião de Otto.

Para legitimar o esquema de Lewis, cabe do mesmo modo salientar a impressão convergente de Chesterton - referência filosófica para este e Tolkien – sobre a temática:

Todos os verdadeiros artistas, consciente ou inconscientemente, sentem que estão tocando verdades transcendentais; que suas imagens são sombras de coisas vistas através de um véu. Em outras palavras, o místico natural sabe que existe algo ali; algo por trás das nuvens ou dentro das árvores; mas ele acredita que a maneira de encontrá-lo está na busca da beleza; que a imaginação é uma espécie de encantamento que pode evocá-lo (CHESTERTON, 2010, p. 111).

Novamente a coerência de Lewis com suas referências supera a expectativa. No entanto, o que ilumina sobremaneira a ligação *fantasia-anseio-numinoso-espiritualidade* está na declaração a seguir:

[...] Há graus de seriedade no fingimento mais natural. Há enorme diferença entre imaginar que existem fadas na floresta, o que significa imaginar que certas florestas são apropriadas para fadas, e realmente nos assustarmos a ponto de caminhar uma hora para não passar por uma casa que acreditamos ser assombrada. Por trás de todas essas coisas está o fato de a beleza e o terror serem coisas verdadeiramente reais e relacionadas a um mundo espiritual real; e o simples fato de tocá-las, mesmo duvidando ou fantasiando, significa despertar realidades profundas da alma (CHESTERTON, 2010, p. 115).

Chesterton então expõe suas ideias de modo que ratifica a hipótese de enredamento entre os conceitos de: *fantasia* (poesia e arte); *anseio*; e o *numinoso* (“a beleza e o terror”).

Entende-se que a relevância e originalidade da articulação de Lewis sobre espiritualidade consiste, e muito, em organizar um mosaico servido de elementos da crítica literária especializada e de certa vertente da religião comparada. Se o *numinoso*, grosso modo, é o movimento (revelação) do *incondicionado* para o condicionado, a *fantasia* parece permitir, até certo ponto, o contrário; existe um caminho no limiar, por isso vale teorizar sobre espiritualidade.

CONCLUSÃO

Assim, compreende-se que em Lewis existe um discurso sobre espiritualidade, coerente e bem fundamentado, que perpassa as noções de *fantasia* e *anseio*, transformando-os em potentes veículos de comunicação e experimentação de realidades profundas da *psique* humana mas, principalmente, do que lhe é extrínseco.

Para tanto é preciso considerar uma adequada interpretação da experiência literária e, especificamente, da função da *fantasia*, a fim de vislumbrar o caminho da transcendência como elemento comum, e portanto intercessório, que pode se interpor sob medida no movimento da *fantasia* à espiritualidade.

Vê-se também a facilidade de se estabelecer diálogo entre os supostos e pré-supostos de Lewis e as teorias de Tolkien, Otto e Chesterton, de modo que, o caminho que parte da *fantasia* rumo à espiritualidade pode ser mapeado pelas terminologias dos referidos autores; bem como pesadas nos quesitos de relevância e fundamentação teórica. De maneira geral, Lewis, de fato, promove um viés original e legítimo para a vivência da espiritualidade.

REFERÊNCIAS

BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: Aste, 2008.

CHESTERTON, G. K. *O Homem Eterno*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010

LEWIS, C. S. *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LEWIS, C. S. *O peso de glória*. São Paulo: Vida, 2008.

LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida, 2006.

LEWIS, C. S. *Surpreendido pela Alegria*. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

LEWIS, C. S. Três maneiras de escrever para crianças. In: LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia* [volume único]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

LEWIS, C. S. *Um Experimento na Crítica Literária*. São Paulo: Unesp, 2009.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia com o divino e sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

TOLKIEN, J. R. R. *Sobre Histórias de Fadas*. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

Fabio Coronel Gagno Junior

Mestrando em Ciências das Religiões (UNIDA),
Especialista em Ciências das Religiões (UNIDA), em Psicanálise (UNIG),
Graduado em Teologia (UNIDA), Graduando em Filosofia (UNISUL).

COMO CITAR ESTE ARTIGO

GAGNOR JUNIOR, Fabio Coronel. "Da fantasia à espiritualidade: o sentimento religioso segundo C. S. Lewis". *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 2, jul.-dez., 2014, p. 79-91. Disponível na Internet:
< <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.